

SATURDAY NIGHT FEVER (Director's Cut) / 1977

A Febre de Sábado à Noite

Um filme de JOHN BADHAM

Realização: John Badham / **Argumento:** Norman Wexler, baseado numa história de Nick Cohn / **Fotografia:** Ralf D. Bode / **Direcção Artística:** Charles Bailey e George Detitta / **Direcção Musical:** David Shire / **Canções:** "How Deep Is Your Love"; "Night Fever"; "Staying Alive"; "You Should Be Dancing"; "More Than a Woman", música e letras de Barry Gibb, Robin Gibb e Maurice Gibb, interpretadas pelos "Bee Gees"; "If I Can't Have You", música e letra de Barry Gibb, Robin Gibb e Maurice Gibb, interpretada por Yvonne Elliman; "Night Or Disco Mountain", música e letra de David Shire sobre um tema de "Uma Noite no Monte Calvo" de Mussorgsky; "K, Jee", música e letra de Charles Hearndon, interpretada pelos MFSB (Mother, Father, Sister, Brother); "A Fifth of Beethoven", adaptação de David Shire e Walter Murphy do 1º andamento da "5ª Sinfonia" de Beethoven; "Disco Inferno", música de Leo Green, letra de Ron Korse, interpretada pelos "Trammps"; "Open Sesame", música, letra e interpretação de R. Bell, Kool e "The Gang"; "Dr. Disco"; "Disco Dark", música, letra e interpretação de Rick Dees; "Boogie Shoes", música e letra de H.W. Casey e R. Finch, interpretada por K.C. e "The Sunshine Band" / **Coreografia:** Laster Wilson e Jo-Jo Smith / **Guarda-Roupa:** Patrizia von Brandenstein / **Montagem:** David Rawley / **Montagem Sonora:** Michael Colgan / **Interpretação:** John Travolta (Tony Manero), Karen Lynn Gorney (Stephanie), Barry Miller (Bobby C.), Donna Pescow (Annette), Joseph Cali (Joey), Paul Pape (Double J.), Bruce Ornstein (Gus), Julie Bovasso (Flo), Martin Shaker (Frank Manero Jr.), Val Bisoglie (o pai Manero), Lisa Paluso (a mãe), Nina Hansen (a avó), etc.

Produção: Kevin McCormick para a PARAMOUNT / **Cópia:** DCP, cor, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 122 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 7 de Dezembro de 1977 / **Estreia em Portugal:** Cinemas Tivoli, Caleidoscópio e Berna, a 17 de Novembro de 1978. Primeira apresentação em Portugal da versão Director's Cut.

Cada mercado tem as suas leis e cada país as suas idiossincrasias. Desde a imensamente publicitada estreia de **Saturday Night Fever** (em 78, em três cinemas em simultâneo) o filme nunca repetiu, em Portugal, o êxito estrondoso que o acolheu lá fora, e sobretudo na América, onde, ainda hoje, figura em lugar proeminente na lista dos "top money making films". Aconteceu o mesmo com **Grease**. Travolta nesses idos dos anos 70, antes do seu célebre "come back" com Tarantino, vinte anos depois, nunca "funcionou" em Portugal, ou, pelo menos, nunca funcionou como fenómeno que foi nos finais dos "seventies" na América. Na primeira "hagiografia" do actor, publicada em 78, Suzanna Munshower perguntou: "Is there anyone in the entire United States of America who isn't crazy about John Travolta?". E respondia: "it seems a sure bet that the answer is no". Em Portugal, a resposta seria sempre "sim", exceptuando algumas minorias, olhadas com alguma marginalidade.

Reverendo-se o filme agora quando já passaram mais de vinte e cinco anos sobre a estreia não surge tão estranha como à época surgiu em Portugal, a comparação de Travolta com James Dean ou a megalómana afirmação do actor: "Quero ser o DeNiro ou o Al Pacino da minha geração... e estou bem lançado para o conseguir". Tinha, então, 24 anos, vinha da televisão (onde fizera um notado papel de "punk" em "Welcome Back, Kotter") e dalguns papéis secundários no cinema. Com **Saturday Night Fever** tornou-se um ídolo.

É óbvio que John Badham (antigo assistente de Spielberg e de quem este filme é o opus 2) estava bem consciente do trunfo que tinha na mão. O filme é um filme feito para formar a imagem de Travolta,

enquadrada nos ídolos cinematográficos de Tony Manero (Bruce Lee, Al Pacino) e trabalhada para rememorar imagens mais míticas, das quais o arquétipo será Elvis. Simultaneamente (e as duas imagens não podem ser dissociadas) era um filme (o primeiro) à glória dos "ritos tribais" da "disco music" e para um público e uma região (a Brooklyn, Bay Bridge) onde a geração da idade de Travolta vivia para os 2001 e o reino do "disco sound". E os "Bee Gees" são o complemento indispensável da imagem de Travolta, "pulsando" o filme ao ritmo do corpo de um e da música dos outros.

Repare-se por exemplo (e Badham, que mais tarde, faria filmes bem mais interessantes como **War Games**, procede com assinalável perícia) como Travolta e os Bee Gees começam por ser inicialmente retidos, até serem plenamente largados. Quando o espectador vai preparado para "apanhar" logo de entrada com doses maciças de Travolta e Bee Gees, o filme começa sem música (só sons de ambiente, muito discretos). É quando o nome de Travolta aparece no genérico que se começam a ouvir os primeiros compassos, mas tão discretos como a imagem do actor, de quem começamos por ver os pés (ou melhor, os sapatos) antes de lhe vermos a cabeça.

Depois, temos direito a uma longa sequência da "toilette" de Travolta (a pôpa) e a um plano do actor nu, até aos limites (medidos a milímetro) do possível. E a um grande plano em que corre o fecho das calças, enquanto (em retrato) se convoca outro mito que preside a tão estudada imagem: Stallone e o **Rocky**.

Tudo só explode, depois, na primeira sequência do "2001" ("What a trip!") e ao som daquela 5ª Sinfonia ("A Fifth of Beethoven") que evoca imediatamente a "9ª" da **Laranja Mecânica**. Badham tinha a memória cinéfila bem povoada e não se esquece de nenhuns sinais.

E, se repararem bem, a construção do filme segue (com as adaptações que vinte anos exigiam) a estrutura do **Rebel**. Também Tony Manero tem uma família insuportável, uma namorada (Stephanie) com quem se mostra muito mais tímido do que as aparências (e os apetites de outras mulheres) deixavam prever, também está inserido num "clan" (com guerras tribais) e também tem um amigo (Bobby C, o personagem mais curioso do filme) que confia nele até aos limites e é por ele traído. A morte de Bobby, na ponte, lembra a sequência das corridas de automóveis à beira da falésia do **Rebel**, com o idêntico espanto provocado por esse "suicídio" (e Tony não rejeita a classificação do polícia). O seu passeio final é o resultado de uma longa aprendizagem, que passou pela história do irmão, pelo episódio do amigo no hospital, por Annette e pelas pílulas, por Stephanie e pelas referências ao mundo mítico de Manhattan, pela "batota bairrista" no concurso final e por essa morte.

Badham não constrói nada mal a estrutura do filme. Só que não é Nicholas Ray quem quer, nem James Deans aparecem mais do que uma vez por século. E nas meias tintas (muito tintadas por tantos filtros e tantos efeitos fotográficos) entre a pedestre imagem de Brooklyn e as referências a Zeffirelli ou Olivier de Stephanie, o filme jamais adquire o estatuto trágico onde se erguem os mitos. Travolta não é Astaire nem Nureyev (como ironicamente lhe chamam) e não era Dean, nem sequer Al Pacino.

Mas era um actor "interesting" a quem se aplica a pergunta que, a certa altura, Tony Manero põe: "Do you thing I'm interesting or intelligent?". O futuro demonstrou que é também um actor inteligente, gato de sete foles, capaz das mais inesperadas ressurreições e **Saturday Night Fever** é um filme, se não inteligente, pelo menos interessante, na descrição de um décor e na pintura de um ambiente.

Saturday Night Fever, "first disco-film" não será certamente (como foi propalado) um marco na evolução do musical, nem sequer um novo passo em qualquer nova direcção dele. Mas é um filme que no seu vazio (e sobretudo no "off" sexual em que se instaura) cria uma curiosa relação entre o corpo e o décor, o corpo e a música. E deve-se notar que, como em quase todos os países, a versão que por aqui correu tem menos oito minutos do que a original. Oito minutos auto-censurados para que o filme pudesse ser visto e ouvido (sem eventuais choques) por públicos mais jovens e não exigisse classificações etárias mais elevadas. O que foi cortado tornaria mais explícito o horror implícito que Tony Manero tem ao sexo (cf. a sequência seminal entre Annette e Tony, no banco de trás do carro)? Não só. Mas esse é sem dúvida o lado menos febril e mais mórbido do "underground" dos habitantes dum lúgubre 2001, mais perto do "real" 2001 do que certamente se imaginou em 1977.